

criação mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Ah! O relógio atrasa-se sempre;
É mais tarde do que pensas.*
— ROBERT W. SERVICE



*E a música derrama sobre os mortais
O seu magnífico desdém.*
— RALPH WALDO EMERSON

P R Ó L O G O



Para ele, a morte era uma vocação. Matar não era um mero ato, ou um meio para atingir um fim. Não era, tão-pouco, um impulso do momento, nem um caminho para alcançar fortuna ou glória.

A morte era, em si, o tudo.

Desabrochara tarde, e lamentava muitas vezes aqueles anos antes de encontrar a sua razão de existir. Tanto tempo perdido, tantas oportunidades desperdiçadas. Mas, ainda assim, desabrochara, e sentir-se-ia sempre grato por ter finalmente olhado para dentro de si e visto o que era. Aquilo para que nascera.

Era mestre na arte da morte. O guardião do tempo. Quem fazia o destino acontecer.

Precisara de tempo, claro, e de fazer experiências. O tempo do seu mentor esgotara-se muito antes de ele se ter tornado o mestre. E mesmo no seu auge, o seu professor não vira todo o alcance, todo o poder. Quanto a si, orgulhava-se de ter aprendido, e não só desenvolvera as suas competências como as alargara, ao mesmo tempo que aperfeiçoava técnicas.

Aprendera, depressa, que naquele dueto preferia mulheres como suas parceiras. Na grande ópera que escrevia, e rescrevia, elas superavam os homens.

Tinha poucos requisitos, mas muito específicos.

Não as violava. Explorara esse domínio, também, mas achara a violação de mau gosto e degradante para ambas as partes.

A violação nada tinha de elegante.

Como com qualquer talento, qualquer arte que exigisse muita técnica e concentração, descobriu que precisava de férias — aquilo que via como os seus períodos inativos.

Durante esses períodos, entretinha-se como qualquer pessoa em férias. Viajava, explorava, degustava refeições requintadas. Podia esquiar ou praticar mergulho, ou sentar-se debaixo de um chapéu de sol numa bela praia, a ler e a beber Mai Tais.

Planeava, elaborava, fazia *preparativos*.

Quando voltava ao trabalho, sentia-se revigorado e ansioso.

Como agora, pensava, preparando os seus instrumentos. Muito, muito mais... durante o último período inativo, compreendera o seu destino. Então, voltara às origens. E aí, onde começara a praticar seriamente a sua arte, reataria e restabeleceria contactos, antes de o pano cair.

Havia tantas novas camadas interessantes a explorar, refletiu, testando a ponta de um canivete com cabo de corno, que comprara numa viagem pela Itália. Virou a lâmina de aço para a luz, admirando a peça. *Circa* 1953, pensou.

Não admirava que fosse um clássico.

Gostava de usar peças antigas, embora também utilizasse instrumentos modernos. O *laser*, por exemplo — excelente para aplicar o elemento do calor.

Tinha de haver variedade — afiado, contundente, frio, quente —, uma série de elementos de várias formas, em vários ciclos. Era precisa uma técnica apurada, e paciência e concentração para percorrer esses ciclos até ao zénite absoluto da aptidão da sua parceira.

Depois, e só depois, podia concluir o projeto, com a certeza de ter feito o seu melhor trabalho.

Aquela fora uma excelente escolha. Podia felicitar-se por isso. Ela sobrevivera três dias e três noites — e ainda tinha vida no corpo. Era tão gratificante.

Começara devagar, naturalmente. Era vital, absolutamente vital, subir e subir e subir até àquele último crescendo.

Sabia, como mestre no seu ofício, que se aproximavam desse pico.

— Ligar música — ordenou, e ficou de pé, os olhos fechados, a assimilar os primeiros acordes de *Madame Butterfly*, de Puccini.

Compreendia a escolha da personagem principal, a morte por amor.

Pois não fora essa escolha que, tantos anos antes, o lançara naquele caminho?

Vestiu o equipamento protetor sobre o seu fato branco feito por medida.

Voltou-se. Olhou para ela.

Tão encantadora, pensou. Recordou, como sempre, a sua precursora. A mãe dela, por assim dizer.

Eva, a primeira de todas.

Aquela linda pele branca coberta de queimaduras e feridas, com golpes estreitos e pequenas punções meticulosas. Prova da contenção, da paciência, do rigor de que ele era capaz.

Deixara-lhe a cara intocada — até agora. Era o que guardava sempre para o fim. Os olhos dela estavam fixos nos seus — bem abertos, mas um pouco vidrados, sim. Ela experimentara quase tudo o que era capaz de suportar. O ritmo funcionara bem. Muito bem, na verdade, porque ele soubera prever, soubera preparar-se.

Já capturara a seguinte.

Lançou um olhar quase distraído à segunda mulher, do outro lado da sala; dormia tranquilamente, sob o efeito da droga que ele lhe administrara. Talvez pudessem começar no dia seguinte, pensou.

Mas por agora...

Aproximou-se da sua parceira.

Nunca as amordaçava, acreditando que elas deviam ter a liberdade de gritar, de implorar, de chorar, até de o amaldiçoar. Deviam poder expressar toda a sua emoção.

— Por favor — disse ela. Apenas: — Por favor.

— Bom-dia! Espero que tenha descansado. Temos muito trabalho pela frente. — Sorriu-lhe, pousando-lhe a ponta da faca entre a primeira e a segunda costela. — Que tal começarmos?

Os gritos dela eram como música.

C A P Í T U L O 1



De tempos a tempos, pensou Eve, a vida era realmente fantástica. Estava estendida numa espreguiçadeira de dois lugares, a ver um filme. Era um filme cheio de ação — ela gostava de ver coisas a irem pelos ares — e o «argumento» não a obrigava a pensar.

Podia limitar-se a ver.

Tinha pipocas, imersas em manteiga e sal, o gato gordo a aquecer-lhe os pés. Estaria de folga no dia seguinte, o que significava que podia dormir até acordar, e depois vegetar até criar mofo.

Melhor ainda, tinha Roarke recostado na cadeira ao seu lado. E como o seu marido provara as pipocas e as achara repugnantes, Eve ficara com a taça inteira só para si.

Melhor era impossível.

Pensando bem, talvez não fosse — já que tencionava atacar o marido mal o filme terminasse. Era a sua versão de uma sessão dupla.

— Fixe — disse, depois de uma colisão em pleno ar entre um elétrico de turistas e um dirigível publicitário. — Muito fixe.

— Achei que este argumento te ia agradar.

— *Não* há argumento. — Tirou outra mão-cheia de pipocas. — É isso que me agrada. Só um diálogo ou outro para ligar as explosões.

— Também houve nudez explícita.

— Sim, mas isso foi para ti, e para os da tua laia. — Ergueu os olhos para ele, enquanto os peões no ecrã fugiam aos gritos da chuva de destroços.

Ele era tão atraente — quaisquer que fossem os parâmetros. Um rosto esculpido por deuses talentosos num dia de inspiração. Ossos robustos que davam uma excelente forma àquela pele branca irlandesa, uma boca que fazia Eve pensar em poetas, até ele a encostar à sua, altura em que ela deixava de conseguir pensar no que quer que fosse. Aqueles olhos celtas intensos, que a viam exatamente como ela era.

Depois, era acrescentar aquele cabelo preto sedoso, o corpo alto e esbelto, o sotaque irlandês sensual, e juntar cérebro, humor, um temperamento fogo e esperteza de rua, e o resultado era um belo pacote.

E era todo dela.

Eve tencionava desfrutar do que era seu durante as trinta e seis horas seguintes.

No ecrã, uma batalha de rua eclodiu entre os escombros, com explosivos arremessados e silvos que rasgavam o ar. O herói — aquele que mais tarefa dera aos outros — irrompeu do caos numa mota a jato.

Obviamente distraído, Roarke enfiou a mão na taça de pipocas. E retirou-a de imediato, olhando para os dedos com um ar enojado.

— Porque é que não comes só manteiga derretida com sal?

— O milho é um bom veículo para isso. Oh, que foi? Sujaste as mãozinhas?

Roarke limpou-lhe os dedos à cara, sorriu.

— Agora estão limpas.

— Calma lá! — Eve riu-se, pôs a taça de lado. Era seguro, pensou, já que nem *Galahad*, o gato, comeria as pipocas. Espetou um dedo nas costelas de Roarke e rolou para cima dele.

Podiam antecipar a segunda sessão da noite.

— Isto vai sair-te caro, amigo.

— Quanto?

— Vais pagar em prestações. Acho que vamos começar com... — Encostou a boca à dele, mordiscou aquele belo lábio inferior. Sentiu as mãos dele deslizarem-lhe pelo corpo. Levantou a cabeça e fitou-o, estreitando os olhos. — Estás a apalpar-me o traseiro ou a limpar o resto da manteiga dos dedos?

— Dois coelhos, um traseiro. Quanto ao primeiro pagamento...

— Os juros vão ser... ah-ah... duros. — Beijou-o de novo, colou o corpo ao dele.

E o seu comunicador deu sinal.

— Raios. — Endireitou-se. — Que chatice. Não estou de prevenção.

— Porque é que o trazes no bolso?

— Hábito. Estúpido. Raios — resmungou, pegando no comunicador e olhando para o ecrã. — É o Whitney. — Suspirou e passou uma mão pelo cabelo. — Tenho de atender.

— Filme em pausa — ordenou Roarke, e depois limpou a manteiga da cara dela. — Luzes acesas, a setenta por cento.

— Obrigada. — Eve atendeu. — Dallas.

— Tenente, apresente-se no East River Park, 2nd Street e Avenida D, como investigadora responsável.

— Comandante...

— Sei que não está de serviço, nem de prevenção — interrompeu-a Whitney. — Mas agora passou a estar.

A palavra «porquê» ainda lhe veio ao pensamento, mas Eve estava demasiado bem treinada para a verbalizar.

— Sim, comandante. Contacto a inspetora Peabody no caminho.

— Encontramo-nos na Central.

Whitney desligou.

— Invulgar — comentou Roarke, que já desligara o leitor de vídeo. — O comandante contactar-te pessoalmente, e arrancar-te de casa desta maneira.

— Alguma coisa importante — disse Eve, enfiando o comunicador no bolso. — Não tenho nenhum caso importante em curso. Nada que o levasse a contactar-me diretamente quando não estou de prevenção. Desculpa. — Olhou para o ecrã. — A noite de cinema está lixada.

— Fica para depois. Mas já que tenho a noite livre, acho que vou contigo. Sei manter-me afastado do caminho — lembrou-a, antes que Eve se opusesse.

Era verdade, admitiu Eve. E como sabia que Roarke alterara a sua agenda, tendo, possivelmente, adiado a aquisição de um pequeno país ou asteroide, era justo deixar que ele a acompanhasse.

— Então vamos andando.

Sabia manter-se afastado do caminho, quando tal lhe convinha. Também sabia observar. O que Roarke viu quando chegaram ao parque foi uma série de carros-patrolha, um pequeno exército de agentes policiais e técnicos forenses.

Os jornalistas, que conseguiam farejar aquele tipo de acontecimento,

também lá se encontravam, impedidos de avançar por uma parte daquele exército. Tinham sido erguidas barricadas e, à semelhança dos repórteres e dos civis curiosos, Roarke teria de fazer as suas observações à distância.

— Se te aborreceres — disse-lhe Eve —, vai-te embora. Eu vou ter a casa.

— Não me aborreço com facilidade.

Viu-a afastar-se, e ficou a observá-la. A sua polícia. O vento sacudia-lhe o casaco preto comprido, de que ela bem precisava, já que aquele primeiro dia de março se estava a revelar tão severo como fora o início de 2060. Eve prendeu o distintivo ao cinto, embora, pensou Roarke, fosse evidente aos olhos de qualquer um que ela era polícia, e com um cargo de responsabilidade.

Alta e esguia, Eve dirigiu-se para as barricadas com passos largos, fortes. O seu cabelo curto e castanho esvoaçava um pouco sob o vento — um vento que carregava o odor do rio.

Roarke observava-lhe a cara, o modo como aqueles olhos cor de uís-que se moviam, a boca — pouco antes tão suave contra a sua — agora tensa. As luzes incidiam-lhe na cara, alterando ângulos e planos.

Voltou-se para ele, por um breve instante. Depois, continuou a andar, passando as barricadas para ir fazer aquilo que, na opinião de Roarke, estava na sua natureza.

Eve caminhou pelo meio de agentes e técnicos. Alguns reconheceram-na; outros reconheceram apenas aquilo que Roarke vira. Autoridade. Quando foi abordada por um dos agentes, Eve parou, afastou a aba do casaco e tocou no distintivo.

— Tenente. Tenho ordens para a acompanhar. Eu e o meu parceiro fomos os primeiros a chegar ao local.

— Certo. — Inspeccionou-o com um olhar rápido. Relativamente jovem, apumado como se estivesse numa banda militar. Tinha as faces rosadas do frio. A avaliar pela sua pronúncia, era nova-iorquino, da zona de Brooklyn. — O que temos?

— Tenente, tenho ordens para a deixar ver com os seus próprios olhos.

— Ah sim? — disse Eve, com uma olhadela para o distintivo que ele trazia no casaco grosso do uniforme. — Está bem, Newkirk, vamos lá ver com os meus próprios olhos.

Observou a área delimitada, a linha de árvores e arbustos. O local parecia bem circunscrito. Não só por terra, concluiu Eve, olhando na direção do rio. A Polícia Marítima também lá se encontrava, a vigiar a margem.

Eve sentiu um arrepio de expectativa. O que quer que tivessem em mãos, era importante.

Os projetores que os técnicos tinham montado lançavam uma luz branca sobre as sombras, e era daí que vinha Morris, caminhando ao seu encontro. Algo importante, pensou Eve, de novo, para o médico-legista-chefe ser chamado ao local. E foi isso que leu na cara dele, na sua expressão tensa e preocupada.

— Dallas. Disseram que tinhas sido chamada.

— Não disseram que te tinham chamado a ti.

— Estava perto, com amigos. Num pequeno clube de *blues* na Blecker.

O que explicava as botas, calculou Eve. O padrão preto e prateado que devia ter pertencido a um qualquer réptil não era o tipo de calçado que uma pessoa usasse numa cena de crime. Nem sequer Morris, que se vestia sempre com elegância.

O vento soprou-lhe o casaco preto comprido, revelando um forro vermelho-cereja. Sob o casaco, Morris trazia calças pretas e uma camisola preta de gola alta, uma peça extremamente informal para ele. O seu cabelo escuro comprido estava apanhado num rabo de cavalo, preso em cima e na ponta com elásticos prateados.

— Foi o comandante que te ligou — disse Eve.

— Sim. Ainda não toquei no corpo. Limitei-me à observação visual. Estava à tua espera.

Eve não perguntou porquê. Compreendeu que devia formar as suas próprias conclusões, antes de lhe darem quaisquer dados.

— Acompanhe-nos, Newkirk — ordenou, e começou a caminhar na direção das luzes.

Assemelhava-se a um manto de gelo ou neve. Ao longe, era o que parecia ser. E àquela distância, o corpo sugeria um efeito artístico, lembrando um modelo numa sofisticada sessão fotográfica.

Mas Eve sabia o que era, mesmo ao longe, e o frio que a gelava por dentro ganhou dentes.

Os seus olhos encontraram os de Morris. Mas nenhum deles falou.

Não era gelo, nem neve. Ela não era um modelo, nem uma obra de arte.

Eve tirou uma lata de *Seal-It* do seu *kit*, depois pousou o estojo no chão.

— Ainda estás de luvas — disse-lhe Morris. — Essa coisa dá cabo das luvas.

— Sim. — De olhos postos no corpo, Eve descalçou as luvas e enfiou-as no bolso. Colocou o selante. Prendeu o gravador ao casaco. — Gravador ligado. — Os técnicos fariam a sua própria gravação, tal como Morris. Ela teria a sua.

— Vítima do sexo feminino, caucasiana. Foi identificada? — perguntou a Morris.

— Não.

— De momento não identificada. Entre os vinte e cinco e os trinta anos, cabelo castanho e olhos azuis. Tatuagem de pequena dimensão, uma borboleta azul e amarela, na anca esquerda. O corpo encontra-se nu, colocado sobre um pano branco, braços estendidos, palmas viradas para cima. Tem um anel de prata no dedo anelar da mão esquerda. Várias feridas visíveis, que indicam tortura. Lacerações, hematomas, punções, queimaduras. Golpes cruzados em ambos os pulsos, causa provável da morte. — Olhou para Morris.

— Sim. Provável.

— Há uma gravação no tronco: oitenta e cinco horas, doze minutos, trinta e oito segundos.

Eve soltou um longo suspiro.

— Ele está de volta.

— Sim — concordou Morris. — Está de volta.

— Precisamos da identificação e da hora da morte. — Eve olhou em redor. — Pode tê-la trazido pelo parque, ou pelo rio. O chão está duro como rocha, e é um parque público. Somos capazes de encontrar pegadas, mas não nos servirá de muito.

Eve pegou novamente no estojo, e parou, por instantes, ao ver Peabody aproximar-se a passo rápido.

— Desculpa ter demorado tanto. Tive de atravessar a cidade e o metro esteve parado. Olá, Morris! — Peabody, com um boné vermelho a cobrir-lhe o cabelo escuro, esfregou o nariz, olhando para o corpo. — Oh, caramba. Alguém a fez passar por isto.

Com as suas pesadas botas de inverno, Peabody deu um passo ao lado, para ver melhor.

— A mensagem. Lembra-me alguma coisa. Vaga memória... — Tamborilou na têmpora. — Lembra-me alguma coisa.

— Identifica-a — ordenou Eve, voltando-se depois para Newkirk. — O que me pode dizer?

Ele mantivera-se em sentido, mas pôs-se ainda mais rígido, ainda

mais direito. — Eu e o meu parceiro estávamos a patrulhar as ruas quando observámos o que parecia ser um assalto em curso. Perseguimos um indivíduo do sexo masculino parque adentro. O suspeito dirigiu-se para leste. Não conseguimos detê-lo, pois ele tinha uma vantagem considerável. Eu e o meu parceiro separámo-nos, para tentar encurralar o suspeito. Foi nessa altura que encontrei a vítima. Chamei o meu parceiro, depois notifiquei o comandante Whitney.

— Notificar o comandante não é o procedimento habitual, agente Newkirk.

— Não, tenente. Achei que, dadas as circunstâncias, não era apenas justificado, mas necessário.

— Porquê?

— Tenente, reconheci a assinatura. O meu pai é polícia. Há nove anos, fez parte de um grupo de trabalho constituído para investigar uma série de homicídios com tortura. — Os olhos de Newkirk voltaram-se para o corpo, depois tornaram a pousar nos de Eve. — Com esta assinatura.

— O seu pai é Gil Newkirk?

— É, sim, tenente. — Os ombros dele relaxaram um pouco. — Acompanhei o caso na altura, na medida do possível. Ao longo dos anos, sobretudo desde que entrei para a Polícia, eu e o meu pai temos discutido o caso. Como seria de esperar. Então, reconheci a assinatura. Senti que, neste caso, romper com o procedimento habitual e notificar diretamente o comandante era o mais correto a fazer.

— E era mesmo. Boa decisão, agente. Fique a postos.

Eve voltou-se para Peabody.

— Vítima identificada como Sarifina York, vinte e oito anos de idade. Morada, West 21st. Solteira. Empregada na Starlight. É uma discoteca *retro* no Chelsea.

Eve agachou-se.

— Ela não foi morta aqui, e não foi transportada neste pano. Ele gosta do cenário limpo. Hora da morte, Morris.

— Onze horas da manhã de hoje.

— Oitenta e cinco horas. Então, ele raptou-a na segunda-feira, ou mais cedo, se não começou a contar o tempo de imediato. Historicamente, começa a torturar a primeira vítima muito pouco tempo após a captura.

— Aciona o cronómetro quando começa a torturá-las — confirmou Morris.

— Oh, merda. Oh, raios. Lembro-me disto. — Peabody sentou-se

nos calcanhares. Tinha as bochechas ruborizadas do vento, e os olhos esbugalhados, agora que se recordara. — A comunicação social chamou-lhe «O Noivo».

— Por causa da aliança — disse Eve. — Deixámos escapar a informação da aliança.

— Foi há uns dez anos.

— Nove — corrigiu Eve. — Nove anos, duas semanas, e... três dias desde que encontrámos o primeiro corpo.

— Um imitador — sugeriu Peabody.

— Não, é ele. A mensagem, o tempo... Não divulgámos essa informação aos *media*. Mantivemos esses dados confidenciais. Mas nunca fechámos o caso. Não o apanhámos. Quatro mulheres em quinze dias. Todas morenas, a mais nova com vinte e oito anos, a mais velha com trinta e três. Todas torturadas, por um período de vinte e três a cinquenta e duas horas.

Eve olhou novamente para a mensagem gravada.

— Ele aperfeiçoou a técnica.

Morris anuiu, observando o corpo.

— Os ferimentos mais superficiais parecem ter sido infligidos primeiro, tal como da outra vez. Confirmo quando a levar para casa.

— Marcas de atilhos, tornozelos, pulsos. Mesmo por cima dos golpes. — Eve ergueu uma das mãos. — Ela não ficou quieta a suportar isto, ao que parece. Ele drogou as outras.

— Sim, vou verificar.

Eve recordava-se de tudo, de cada pormenor, da frustração e da raiva que aquele caso lhe provocara.

— Deve tê-la lavado, cabelo e corpo, com produtos caros. Embrulhou-a, provavelmente em plástico, para a transportar. Nunca encontrámos o mais pequeno vestígio dele em nenhuma das outras. Põe a aliança num saco de provas, Peabody. Encarrega-te da vítima, Morris.

Eve endireitou-se.

— Agente Newkirk, vou precisar de um relatório escrito completo e pormenorizado, o mais rápido possível.

— Sim, tenente.

— Quem é o seu superior?

— Grohman, tenente. Estou na 17.

— O seu pai ainda lá está?

— Está, sim, tenente.

— Certo, Newkirk, faça-me o tal relatório. Peabody, contacta a

Divisão de Pessoas Desaparecidas, vê se há alguma participação. Preciso de contactar o comandante.

Quando Eve saiu do parque, o vento amainara. Já era alguma coisa. A multidão de curiosos diminuía, mas os repórteres eram mais persistentes. A única forma de controlar a situação, como Eve sabia, era enfrentá-la sem hesitações.

— Não vou responder a perguntas. — Teve de gritar para se fazer ouvir sobre as perguntas que já lhe lançavam. — Farei uma breve declaração. E se continuarem a gritar, nem isso vão ter. Ao começo da noite — continuou, apesar dos gritos, e o nível de ruído caiu de repente —, agentes do NYPSD¹ descobriram o corpo de uma mulher no East River Park.

— Foi identificada?

— Como foi morta?

Eve fulminou com o olhar os repórteres que estavam a tentar destacar-se.

— Vocês acabaram de cair duma nuvem, ou estão a mexer a boca só para ouvirem a vossa voz? Como qualquer pessoa com meio cérebro sabe, a identidade da vítima não será divulgada enquanto não informarmos a família. A causa da morte será apurada pelo médico-legista. E qualquer um de vocês que seja estúpido o suficiente para me perguntar se temos alguma pista será impedido de receber informações sobre o assunto. Entendido? Agora, parem de me fazer perder tempo.

Eve dirigiu-se para o carro a passos largos, e estava a meio caminho quando viu Roarke encostado ao capô. Esquecera-se por completo de que ele ali estava.

— Porque não foste para casa?

— E perdia o divertimento? Olá, Peabody.

— Olá. — Peabody conseguiu sorrir, embora sentisse as faces como dois blocos de gelo. — Estiveste sempre aqui?

— Quase. Fui dar uma voltinha. — Abriu a porta do carro e tirou de lá duas chávenas térmicas. — Para vos trazer presentes.

— É café — disse Peabody, com reverência. — Café quente.

— Há de ajudar-vos a desenregelar. Mau?

¹ Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, do original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

— Muito mau. Peabody, arranja os contactos dos familiares da vítima.

— York, Sarifina. Estou a tratar disso.

— Vou andando para casa — disse Roarke, e depois hesitou. — Qual é o nome?

— York — repetiu Eve. — Sarifina. — Sentiu um aperto no estômago. — Vais dizer-me que a conhecias.

— Perto dos trinta anos, uma morena atraente? — Encostou-se de novo ao carro quando Eve anuiu. — Contratei-a há alguns meses para gerir uma discoteca no Chelsea. Não posso dizer que a conhecia, mas achei-a inteligente, enérgica, capaz. Como foi que ela morreu?

Antes que Eve pudesse responder, Peabody voltou a falar.

— A mãe vive em Reno, no Nevada, e o pai, no Havai. Aposto que lá está quentinho. Tem uma irmã na cidade. Em Murray Hill. E já recebi a informação das Pessoas Desaparecidas. A irmã participou o desaparecimento ontem.

— Começamos pelo apartamento da vítima, depois vamos à discoteca, e a seguir falamos com a família.

Roarke pousou uma mão no braço de Eve.

— Não me disseste como ela morreu.

— Com sofrimento. Não vamos falar dos pormenores aqui. Posso arranjar-te transporte ou...

— Vou convosco. Ela trabalhava para mim — acrescentou, antes que Eve pudesse opor-se. — Vou convosco. — E já que o tinha por sua conta, Eve tencionava usá-lo.

— Se uma funcionária, especialmente alguém numa posição de chefia, não fosse trabalhar durante alguns dias seguidos, serias informado?

— Não necessariamente. — Roarke tentou instalar-se de um modo tão confortável quanto possível no banco traseiro do carro da Polícia. — E como é óbvio, não saberia o horário dela de cor, mas vou inteirar-me. Se ela faltou ao trabalho, é provável que alguém a tenha substituído e... ou... que a sua ausência tenha sido comunicada a um supervisor daquele ramo da Divisão de Entretenimento.

— Preciso de um nome.

— E vais tê-lo.

— Dada como desaparecida ontem. A pessoa que recebeu a participação deve, ou devia, ter interrogado colegas na discoteca, vizinhos, amigos. Precisamos de todos esses dados, Peabody.

- Vou tratar disso.
- Diz-me — repetiu Roarke — como ela morreu.
- O Morris vai determinar a causa da morte.
- Eve.

Com um relance para o espelho retrovisor, Eve encontrou os olhos dele.

— Está bem, posso dizer-te como tudo aconteceu, mais ou menos. Foi seguida; o assassino demorou o seu tempo a observar e a registar os hábitos e rotinas dela, os transportes que usava, as suas vulnerabilidades... Por outras palavras, ficou a saber quando ela estaria sozinha e acessível. Quando se sentiu preparado, raptou-a, possivelmente na rua. Deve ter usado um veículo próprio. O mais certo é tê-la drogado e tê-la levado para a sua...

Tinham-lhe chamado «oficina», recordou-se Eve.

— ... tê-la levado para o local preparado para o efeito, provavelmente uma casa particular. Uma vez lá, ou a manteve drogada até estar pronto, ou, caso ela seja a primeira, começou de imediato.

— A primeira?

— Sim. E quando se sentiu pronto, começou a contar o tempo. Despiu-a; imobilizou-a. Prefere cordas para isso: uma boa corda de cânhamo, que fere quando a vítima se debate. Deve ter usado quatro métodos de tortura... tortura física, não podemos avaliar a psicológica, que são calor, frio, instrumentos afiados e instrumentos contundentes. Há de ter empregado esses métodos com crescente severidade. Podemos especular que continua a usá-los até as vítimas deixarem de lhe suscitar entusiasmo ou prazer ou interesse. Depois, mata-as, cortando-lhes os pulsos e deixando-as esvaírem-se em sangue. Pós-morte, grava-lhes no tronco o tempo, em horas, minutos e segundos, que sobreviveram.

Fez-se silêncio durante longos instantes.

— Quanto tempo? — perguntou Roarke.

— Ela era forte. Depois, o assassino lava-as. Esfrega-lhes o corpo e o cabelo com sabonete e champô caros. Pensamos que as embrulha em plástico, para as transportar até um local que procurou e escolheu. Deixa-as nesse lugar, sobre um lençol branco limpo. Põe-lhes uma aliança no dedo anelar, na mão esquerda.

— *Aye* — murmurou Roarke, olhando através da janela. — Lembro-me de algo assim. Ouvei falar nisto.

— Entre os dias 11 e 26 de fevereiro de 2051, ele raptou, torturou

e matou quatro mulheres desta maneira. Depois parou. Desapareceu no vento, na porra do éter. Que tivesse ido para o Inferno, era o que eu esperava.

Roarke compreendeu a razão de Eve ter sido chamada, pessoalmente, pelo comandante.

— Investigaste esses homicídios.

— Com o Feeney. Ele era o investigador responsável. Eu era inspetora, tinha acabado de passar para o segundo escalão, e trabalhámos nestes casos. Formámos um grupo operacional depois do segundo homicídio. E nunca o apanhámos.

Quatro mulheres, pensou Eve, que nunca tinham tido justiça.

— Ele voltou ao ativo, aqui e ali — continuou Eve. — Duas semanas, duas semanas e meia, quatro ou cinco mulheres. Depois desaparece. Um ano, um ano e meio. Agora regressou a Nova Iorque, onde pensamos que terá começado. Voltou ao ponto de partida, e, desta vez, vamos fechar o caso.

Na sua sala bem decorada, com a garrafa de champanhe que tradicionalmente abria para celebrar a conclusão de um projeto bem-sucedido, o homem que, anos antes, os *media* haviam apelidado de «O Noivo» instalou-se diante do seu ecrã de entretenimento.

Sabia que era, provavelmente, muito cedo para notícias. A sua nova criação só seria descoberta pela manhã. Mas não resistiu a verificar.

Alguns instantes, só para se certificar, disse para consigo, e depois apreciaria o seu champanhe com música. Puccini, talvez, em honra de... teve de pensar um pouco para se recordar do nome. Sarifina, sim. Que nome encantador. Puccini para Sarifina. Estava realmente convencido de que fora a Puccini que ela reagira melhor.

Percorreu alguns canais, e foi recompensado quase de seguida. Delicioso, endireitou-se, cruzou os pés e preparou-se para ouvir as críticas à sua obra mais recente.

A identidade da vítima não será divulgada antes de a família ser notificada. Embora não tenha, até agora, sido confirmado que se trata de homicídio, a presença da tenente Eve Dallas no local indica que essa hipótese está a ser considerada.

Ele aplaudiu, ao de leve, quando a cara de Eve apareceu no ecrã.

— Aí estás tu — disse. — Olá! É tão agradável, mas tão agradável,

reencontrar velhos amigos. E desta vez, desta vez vamos conhecer-nos muito melhor.

Pegou na sua taça e ergueu-a num brinde.

— Sei que vais ser a minha obra-prima.

C A P Í T U L O 2



O apartamento de Sarifina estava decorado num estilo urbano moderno. Dominavam as cores fortes, na pintura e nos têxteis, com um contraponto preto envernizado nas mesas e estantes. De bom gosto e vibrante, pensou Eve. E de fácil manutenção, pelo que Sarifina devia ser uma mulher que não tinha tempo ou inclinação para se dedicar à casa.

A cama estava feita, coberta com uma colcha de um vermelho-semáforo e almofadas de padrões arrojados. No roupeiro havia uma coleção de vestidos antigos. De bom gosto, também, simples, e ainda assim de cores intensas. Sapatos, que Eve julgou serem também *vintage*, estavam guardados em caixas protetoras transparentes.

Sarifina cuidava do que era seu.

— Este é o tipo de roupa que ela usava na discoteca? — perguntou Eve a Roarke.

— Sim, exato. É vestuário *retro*, estilo anos de 1940. Ela não devia destoar da clientela, era suposto reconhecer os clientes habituais e conversar com eles, ir de mesa em mesa. E vestir-se de acordo com o seu papel.

— Calculo que sim. Alguma roupa mais atual, para usar sem ser no trabalho, dois fatos à executiva. Vamos assinalar os equipamentos eletrónicos — acrescentou, olhando para o *link* na mesa de cabeceira. — Ver se ele a contactou. Não é o seu estilo habitual, mas as coisas

mudam. Assinalamos os *links*, o computador. Ela tinha um escritório na discoteca?

— Sim.

— Também vamos analisar os equipamentos que lá estiverem. — Eve abriu uma gaveta da pequena secretária junto à janela. — Não vejo aqui agenda, nem *link* de bolso. Devia tê-los consigo. Uma mala grande no roupeiro e um *city bag*, para combinar com os fatos e com a roupa normal. Algumas carteiras para sair à noite. Talvez a irmã nos consiga dizer o que falta aqui.

— Um pacote de leite de soja no frigorífico — relatou Peabody, entrando no quarto. — Passou do prazo de validade na quarta-feira. Um resto de comida chinesa, que deve estar ali há cerca de uma semana. Encontrei um bloco de notas.

Peabody ergueu-o.

— Lista de compras: comida e mais algumas coisas. Também encontrei uma fotografia dela com um tipo. A fotografia tem íman, mas não estava no frigorífico. Estava voltada para baixo na gaveta da cozinha, o que me diz que ele passou recentemente a *ex-namorado*.

— Bem, vamos recolher e etiquetar. — Eve olhou para a sua unidade de pulso. Era quase uma da madrugada. Se começassem a bater às portas e a acordar vizinhos àquela hora, conseguiriam apenas irritar as pessoas.

Pessoas irritadas tinham menos vontade de falar com a Polícia.

— A seguir, vamos à discoteca.

Dado o gosto de Roarke por filmes antigos, em particular os melancólicos filmes a preto e branco de meados do século passado, Eve conhecia um pouco da moda e da música, da cadência da década de 1940. Pelo menos na forma como eram ilustrados por Hollywood naquela época.

Ao entrar na Starlight às duas da manhã, Eve teve a sensação de ter viajado numa máquina do tempo.

A discoteca era um espaço amplo e reluzente dividido em três níveis. O acesso a cada um deles era feito através de um pequeno lanço de escadas branco. E todos esses níveis estavam, mesmo àquela hora, repletos de pessoas, sentadas em redor de mesas com toalhas brancas ou instaladas em sofás com almofadas prateadas.

Os empregados de mesa, homens de fato branco e mulheres de

vestido preto com saia rodada, iam com as suas bandejas de mesa em mesa, servindo bebidas. Os clientes usavam gravata preta e fatos antiquados, vestidos elegantes simples, como os que tinham visto no roupeiro de Sarifina, ou outros mais elaborados e esvoaçantes.

Elegância e sofisticação eram as palavras de ordem, e Eve ficou ligeiramente surpreendida por ver mesas de pessoas na casa dos vinte anos, e mesas de clientes que eram, sem dúvida, centenários.

Uma banda tocava no palco preto reluzente. Ou talvez «orquestra» fosse o termo adequado, pensou Eve, dado que era composta por cerca de vinte músicos, com instrumentos de corda, de sopro, um piano e bateria. E a batida ligeira levava muitos casais àquele que era o ponto central da discoteca. A pista de dança.

Preto e prateado, o vasto padrão axadrezado cintilava sob as luzes ondulantes das bolas de espelhos, que giravam lentamente.

— Que sítio fixe — comentou Peabody. — O máximo.

— Tudo o que é velho volta a ser novo — disse Roarke, olhando em redor. — A pessoa com quem queres falar é a subgerente, Zela Wood.

— Sabes de cor os nomes de todos os teus funcionários? — perguntou-lhe Eve.

— Não. Na verdade, tive de consultar os meus registos. Nome, horário, fotografia. E... — O seu olhar fixou-se numa mulher. — Ah, sim, ali está a Zela.

Eve seguiu-o. A mulher era muito atraente, e trazia um vestido dourado pálido que lhe brilhava sobre a pele da cor de um bom café intenso. O cabelo caía-lhe em longas ondas soltas sobre os ombros e as costas. Ela cobria rapidamente uma área considerável, reparou Eve, e conseguia, ainda assim, deslizar como se tivesse todo o tempo do mundo.

Era óbvio que vira e reconhecera o patrão, uma vez que os seus olhos — que eram quase da mesma cor do vestido — tinham pousado nele. Subiu os degraus para ir ao seu encontro, os dedos tocando ao de leve o corrimão prateado.

— Sr.^a Wood.

— Que agradável surpresa — disse ela a Roarke, oferecendo-lhe a mão e um sorriso deslumbrante. — Vou pedir que lhe preparem imediatamente uma mesa.

— Não queremos uma mesa. — Eve chamou a atenção de Zela. — Vamos para o seu escritório.

— Claro — respondeu Zela, imperturbável. — Queiram acompanhar-me.

— A minha esposa — disse Roarke, o que lhe valeu um olhar irritado de Eve —, tenente Dallas, e a sua parceira, inspetora Peabody. Precisamos de falar, Zela.

— Sim, com certeza. — A sua voz manteve-se suave como a nata que poderia acompanhar aquele café escuro, intenso. Mas o seu olhar revelava preocupação.

Passaram pelo bengaleiro, pelas portas prateadas das casas de banho, depois Zela usou um código para entrarem num elevador privativo.

Passados instantes, saíram para o século XXI.

O escritório estava mobilado de forma simples e eficiente, e refletia o seu propósito. Era o lugar onde se geria o negócio. Ecrãs de parede exibiam os vários espaços da discoteca, incluindo a cozinha, a adega de vinhos e a zona de armazenamento de bebidas espirituosas. Sobre a secretária estavam um *multilink*, um computador e um suporte com discos.

— Posso oferecer-lhes bebidas? — começou Zela.

— Não, obrigada. Conhece a Sarifina York?

— Sim, claro. — A preocupação acentuou-se. — Há algum problema?

— Quando foi a última vez que a viu?

— Segunda-feira. Temos os nossos lanches de segunda-feira direcionados para os clientes mais velhos. A Sarifina é que se encarrega disso, tem muito jeito. Trabalha da uma da tarde às sete, à segunda-feira, e eu faço o turno da noite. Saiu por volta das oito, um pouco antes das oito, acho eu. Perguntei ao pessoal, porque ela não veio na quarta.

Olhou para Roarke, ajeitou o cabelo.

— Ela tem a noite livre à terça-feira, mas não apareceu na quarta. Eu substituí-a. Pensei que...

Zela começou a remexer o seu colar, passando os dedos pelas pedras brilhantes, translúcidas. — Separou-se do namorado, e andava triste por causa disso. Pensei que talvez tivessem feito as pazes.

— Ela já tinha faltado ao trabalho sem avisar? — perguntou Eve.

— Não.

— Está a dizer isso para a encobrir?

— Não. Não. A Sari nunca faltou. — O olhar de Zela fixou-se na cara de Roarke. — Nunca faltou, e foi por isso que fiz o seu turno. Ela adora trabalhar aqui, e é ótima no que faz.

— Compreendo e fico-lhe grato por ter substituído uma colega e amiga, Zela — disse-lhe Roarke.

— Obrigada. Quando ela não apareceu na quinta, e não consegui falar com ela, bem, não sei ao certo se fiquei irritada ou preocupada. Uma coisa e outra, na verdade, por isso contactei a sua irmã. A Sari tinha indicado a irmã como pessoa a contactar. Não liguei para o seu escritório, Sr. Roarke. Não quis arranjar problemas.

Zela deu um suspiro, com a respiração trémula.

— Mas ela está com problemas, não é? Vieram aqui porque ela está metida em sarilhos.

Seria um murro na cara, Eve sabia-o. Era sempre um murro na cara.

— Lamento informá-la, mas a Sarifina está morta.

— Está... o quê? O que foi que disse?

— É melhor sentar-se, Zela. — Segurando-lhe o braço, Roarke conduziu-a para uma cadeira.

— Disse... morta? Teve um acidente? Como...? — Aqueles olhos de ouro pálido estavam brilhantes das lágrimas e do choque.

— Foi assassinada. Sinto muito. Eram amigas?

— Oh, Deus. Oh, Deus. Quando? Não compreendo.

— Estamos a investigar, Sr.^a Wood. — O olhar de Eve seguiu Roarke por instantes, enquanto ele abria um armário de parede e tirava uma garrafa de *brandy* da seleção de bebidas. — Sabe se andava alguém a incomodá-la, ou se alguém mostrou um interesse invulgar nela?

— Não. Não. Quero dizer, muitas pessoas se interessavam pela Sari. Ela é o tipo de pessoa que desperta interesse. Não compreendo.

— Ela queixou-se de alguém que estivesse a incomodá-la, ou a fazê-la sentir-se desconfortável?

— Não.

— Beba um gole. — Roarke pôs um copo de *brandy* na mão de Zela.

— Veio aqui alguém fazer perguntas sobre a Sarifina?

— Só esta noite, há umas horas, um inspetor da Polícia. Disse... disse-me que a irmã da Sari tinha participado o seu desaparecimento. E eu pensei... — Zela começou a chorar. — Pensei, sinceramente, que a irmã estivesse a exagerar. Fiquei um pouco preocupada, um pouco, porque pensei que ela tivesse voltado para o ex-namorado, e que ele a tivesse convencido a deixar o emprego. Era esse o problema — continuou Zela, limpando uma lágrima da face. — Ele não gostava que ela trabalhasse aqui, por causa dos turnos da noite.

Os olhos lavados em lágrimas esbugalharam-se de repente.

— Ele fez-lhe mal? Oh, meu Deus.

— Achava-o capaz disso?

— Não. Não, não. Um choramingão, era o que eu achava. Passivo-agressivo, e um bocado idiota. Nunca o julgaria capaz de a magoar. Não assim.

— Não temos, para já, razão para pensar que o tenha feito. Pode dar-me o nome e a morada dele?

— Sim. Claro.

— Ainda têm os discos de segunda-feira das câmaras de segurança?

— Sim, guardamo-los uma semana.

— Vou precisar de os levar. Levo também os discos de sábado e domingo passados. Na segunda, ela saiu daqui sozinha?

— Não a vi ir-se embora. Quero dizer, cheguei a um quarto para as oito, e ela estava a vestir o casaco. Disse-lhe algo do tipo «Não te cansas deste sítio?», e ela riu-se. Tinha ficado a pôr alguma papelada em ordem. Falámos durante uns minutos, a respeito de trabalho, sobretudo. Ela despediu-se até quarta-feira, e eu disse-lhe... disse-lhe «Aproveita a tua folga». Depois, sentei-me à secretária, para verificar as últimas reservas. Ela foi-se logo embora. Não fez referência a estar com alguém.

— Certo. Agradecia que me desse os discos e as informações sobre o ex-namorado.

— Sim. — Zela levantou-se. — Há alguma coisa que eu possa fazer? Não sei o que fazer. A irmã dela? Querem que eu contacte a irmã?

— Nós encarregamo-nos disso.

Ao ouvir bater à porta a meio da noite, a maioria das pessoas sabia, no seu íntimo, que não eram boas notícias.

Quando Jaycee York abriu a porta, Eve pôde ver o medo que a consumia. E enquanto ela a fitava, sem dizer uma palavra, Eve leu a dor que se sobrepunha ao medo.

— A Sari. Oh, não. Oh, não.

— Sr.^a York, podemos entrar?

— Encontraram-na. Mas...

— É melhor entrarmos, Sr.^a York. — Peabody segurou-lhe o braço, fê-la dar meia-volta. — Vamos sentar-nos.

— Vão dizer-me alguma coisa terrível. Vai ser terrível. Podem dizer depressa? Podem, por favor, dizer depressa?

— A sua irmã faleceu, Sr.^a York. — Com a mão ainda no braço de Jaycee, Peabody sentiu-a estremecer. — Sentimos muito a sua perda.

— Acho que já sabia. Soube-o quando me ligaram da discoteca. Soube que algo de terrível lhe acontecera.

Peabody conduziu Jaycee até uma cadeira na sala. Muitos objetos em desordem, reparou Eve, como era típico de uma casa onde morava uma família. Fotografias de rapazes pequenos, de um homem risonho, da vítima.

Havia várias mantas coloridas, e almofadas grandes, que pareciam muito usadas.

— O seu marido está em casa, Sr.^a York? — perguntou Eve. — Quer que o chamemos?

— Ele não está... O Clint foi com os rapazes para o Arizona. Para... Sedona. Uma semana. É um acampamento da escola. — Jaycee olhou em volta, como se esperasse encontrá-los. — Foram acampar, e eu não podia deixar o trabalho. E seria agradável, pensei, seria agradável ter uma semana sozinha em casa. Não lhes telefonei. Não lhes telefonei, porque eles iam ficar preocupados. Para quê preocupá-los quando tudo correria bem? Fui dizendo a mim própria que ia tudo correr bem.

» Mas não correu. Não correu bem.

Cobriu a cara com as mãos e começou a chorar.

Eve calculou que ela fosse cerca de dez anos mais velha do que a irmã. Tinha o cabelo louro e curto, os olhos destroçados eram de um azul estival.

— Liguei para a Polícia — continuou, a soluçar. — Quando disseram que ela não tinha ido trabalhar, liguei para a Polícia. Fui ao apartamento dela, mas como ela não estava lá, liguei para a Polícia. E disseram-me para participar. Para participar o desaparecimento.

Jaycee fechou os olhos.

— O que aconteceu à Sari? O que aconteceu à minha irmã?

Eve sentou-se numa otomana que estava à frente da cadeira, para ficarem ao mesmo nível.

— Lamento muito. Foi assassinada.

As manchas de cor que o choro lhe pintara na cara desapareceram, deixando-a branca do choque.

— Disseram... eu ouvi... disseram que foi encontrada uma mulher

esta noite, no East River Park. Não iam revelar a identidade, disseram, antes de notificarem a família. Eu sou a família.

Jaycee levou uma mão aos lábios.

— Pensei «Não, não, não é a Sari. A Sari não vive em East Side».
— Mas fiquei à espera de que alguém me batesse à porta. E foi o que aconteceu.

— Eram próximas, a senhora e a sua irmã?

— Eu... Não consigo. Não consigo.

— Vou buscar-lhe um copo de água, Sr.^a York. — Peabody pousou-lhe uma mão no ombro. — Posso ir à cozinha buscar-lhe água?

Jaycee limitou-se a anuir e continuou a fitar Eve.

— Era a minha boneca. A minha mãe morreu quando eu era pequena e, anos mais tarde, o meu pai voltou a casar. Tiveram a Sari. A Sarifina. Era tão bonita, como uma boneca. Eu adorava-a.

— Ela ter-lhe-ia dito se andasse alguém a incomodá-la? Se estivesse perturbada ou desconfortável com alguma coisa?

— Sim. Falávamos muito. Ela adorava o emprego que tinha. Era muito competente no seu trabalho, e isso deixava-a feliz. Mas era um problema para o Cal. O homem com quem ela namorou nos últimos meses. Como a Sari trabalhava à noite, não podia passar tempo com ele. Ficou zangada e magoada por ele a ter obrigado a escolher. Ou ela largava o emprego ou ele a deixava. Então, separaram-se. Ela estava melhor assim.

— Porquê?

— Ele não a merecia. Isto não é só conversa de irmã. — Fez uma pausa, aceitou o copo de água que Peabody lhe oferecia. — Obrigada. Ele simplesmente não a merecia... era egoísta, e não gostava que ela ganhasse mais do que ele. Ela sabia isso, reconhecia o problema, e estava decidida a seguir em frente. Ainda assim, ficou triste. A Sari não gosta de perder. Não estão a pensar... Acham que o Cal lhe fez mal?

— É o que a senhora acha?

— Não. — Jaycee bebeu um pouco de água, respirou devagar, bebeu mais um pequeno gole. — Nunca teria pensado isso. Nunca me passou pela cabeça. Porque havia de o fazer? Ele não a amava — disse Jaycee, num tom apático. — E estava demasiado preocupado consigo próprio para ficar perturbado ao ponto de... Preciso de a ver. Preciso de ver a Sari.

— Vamos tratar disso. Quando foi a última vez que a viu?

— No domingo passado à tarde. Antes de o Clint e os rapazes irem

de viagem. Ela passou por cá para se despedir. Era tão cheia de vida, de energia. Combinámos ir às compras no sábado... amanhã. Os meus rapazes só voltam no domingo, vão tirar um dia de diversão antes de regressarem a casa. Eu e a Sari vamos às compras, almoçar fora. Oh, Deus. Oh, meu Deus. Como foi que ela morreu? Como morreu a minha menina?

— Ainda estamos a investigar, Sr.^a York. Dou-lhe pormenores logo que possível. — Não ia revelar mais nada àquela pobre mulher, decidiu Eve, enquanto ela não tivesse alguém em quem se apoiar. — Podemos contactar o seu marido. Quer que ele e os seus filhos voltem para casa já?

— Sim. Sim, quero que venham para casa. Quero-os em casa.

— Entretanto, há alguém que possamos chamar, uma vizinha, uma amiga, para ficar consigo?

— Não sei. Eu não...

— Sr.^a York — disse Peabody, gentilmente. — Não deve ficar sozinha agora. Deixe-nos chamar uma pessoa amiga para lhe fazer companhia.

— A Lib. Podem ligar à Lib? Ela ficará comigo.

Quando saíram para a rua, Roarke respirou fundo.

— Pergunto-me muitas vezes como fazem isto, debruçarem-se sobre a morte, olharem sem pestanejar para as mentes daqueles que fazem a morte acontecer. Mas acho que darem as notícias àqueles que ficam, sentirem, como só podem sentir, a dor dessas pessoas, é mais difícil do que tudo o resto.

Tocou ao de leve a mão de Eve.

— Não lhe disseste o que aconteceu à irmã. Estás a dar-lhe tempo para lidar com o primeiro momento de dor.

— Não sei se lhe fiz algum favor. Isto vai deixá-la de rastos. Talvez tivesse sido preferível dizer-lhe tudo agora, quando já está destroçada.

— Fizeste bem — disse Peabody. — Ela tem a amiga ao seu lado, mas precisa da família. Vão precisar uns dos outros, para suportarem o que aí vem.

— Sim. Veremos o que o Morris nos consegue dizer. Escuta. — Virou-se para Roarke. — Ligo-te assim que puder.

— Gostava de ir convosco.

— Já são, o quê?, quatro da manhã. Não queres ir à morgue.

— Um momento — murmurou Roarke a Peabody, e segurando a

mão de Eve, chamou-a à parte. — Gostava de acompanhar isto. Gostava que me deixasses.

— Posso dizer-te o que soubermos do Morris, sem teres de passar a noite em claro. Mas — continuou, antes que ele pudesse falar — não é a mesma coisa. Quero que me digas que não te sentes responsável por isto.

Roarke olhou na direção do apartamento de Jaycee, pensou na dor que agora habitava aquele lugar.

— Ela não foi morta por eu a ter contratado. Não sou assim tão ego-cêntrico. De qualquer modo, quero ver isto resolvido.

— Está bem. Conduzes tu. Vamos ter de fazer uma paragem pelo caminho. Preciso de falar com o Feeney.

Fora ele que a treinara; fora seu professor, seu parceiro. Embora nenhum deles o dissesse, Feeney era a figura paternal na vida de Eve, em todos os aspetos realmente importantes.

Escolhera-a para sua parceira quando ela acabara de se formar, e tornara-a sua. Eve nunca perguntara a Feeney o que vira nela para a escolher, apesar da sua inexperiência. Só sabia que essa escolha fizera toda a diferença.

Eve teria sido uma boa polícia sem ele. Teria chegado a inspetora pela sua própria necessidade, pela sua dedicação e aptidão. E talvez tivesse, de qualquer forma, obtido a patente que tinha agora.

Mas não teria sido a mesma polícia sem ele.

Quando chegara a capitão, Feeney optara pela DDE. A eletrónica sempre fora a sua especialidade, e a sua paixão, pelo que o pedido para integrar a Divisão de Detecção Eletrónica surgira como natural.

Eve lembrava-se de ter ficado ligeiramente aborrecida quando ele deixara os Homicídios. E durante os primeiros meses, sentira-lhe a falta, sentira a falta de o ver, de trabalhar com ele, de falar com ele todos os dias, como teria sentido a falta de uma mão.

Podia ter esperado até de manhã para o procurar — podia ter esperado até uma hora decente, pelo menos. Mas sabia que, se as suas posições estivessem invertidas, ela teria querido que ele lhe batesse à porta.

Teria ficado bastante irritada se ele não lhe tivesse ido bater à porta.

Feeney apareceu com a cara enrugada da almofada, parecendo mais envelhecido do que era habitual. O seu cabelo, um emaranhado crespo

ruivo com fios grisalhos à mistura, estava completamente em pé. Como se o ar que o rodeava tivesse, de repente, ficado ionizado.

E embora usasse um roupão puído e inesperadamente roxo, os seus olhos eram, sem sombra de dúvida, olhos de polícia.

— Quem morreu?

— Precisamos de falar sobre isso — disse-lhe Eve. — Mas o mais importante não é quem: é como.

— Bem. — Feeney coçou o maxilar, e Eve pôde ouvir o som áspero dos seus dedos na barba por fazer. — É melhor entrarem. A minha mulher está a dormir. Vamos para a cozinha. Preciso de café.

Era uma casa acolhedora. Uma casa de família, pensou Eve, como a casa de Jaycee, mas com mais uma década ou duas. Os filhos de Feeney tinham crescido, e agora havia netos. Eve nunca sabia, ao certo, quantos eram. Mas havia uma zona de refeição ampla, junto à cozinha, com uma mesa comprida, para acomodar toda a gente nos jantares de família.

Feeney foi buscar café, arrastando os pés numas pantufas que, Eve era capaz de apostar, tinham sido um presente de Natal.

No meio da mesa estava uma jarra de forma estranha em tons de vermelho e laranja. Eve calculou que fosse obra da senhora Feeney, já que ela gostava de passatempos e trabalhos manuais, e estava sempre a fazer coisas. Muitas vezes coisas impossíveis de identificar.

— Deram-me um caso — começou Eve. — A vítima é do sexo feminino, morena, perto dos trinta anos, encontrada nua no East River Park.

— Sim, vi nas notícias.

— Encontrada nua. Foi torturada. Queimaduras, feridas, golpes, punções. Os pulsos cortados.

— Porra.

Feeney estava a ver aonde ela queria chegar, notou Eve.

— Uma aliança de prata no dedo anelar da mão esquerda.

— Quanto tempo? — perguntou Feeney. — Quanto tempo é que ela resistiu? O que tinha gravado no corpo?

— Oitenta e cinco horas, doze minutos, trinta e oito segundos.

— Porra — repetiu Feeney. — Filho da mãe. — Cerrou um punho e bateu ao de leve, repetidas vezes, na mesa. — Não se vai safar de novo, Dallas. Não nos vai escapar outra vez. Já deve ter a número dois.

— Sim. — Eve anuiu. — Já deve ter a segunda.

Feeney apoiou os cotovelos na mesa, passou os dedos pelo cabelo.

— Temos de rever tudo o que tínhamos há nove anos, pegar nos

dados que houver sobre as outras vezes em que ele entrou em ação. Formar já um grupo de trabalho, desde o início. Não vamos esperar pelo segundo corpo. Encontraram alguma coisa no local do crime?

— Até agora, só o corpo, a aliança, o lençol. Vou enviar-te uma cópia dos registos. Vou agora mesmo para a morgue, ver o que o Morris nos consegue dizer. Tens de te vestir, a não ser que uses algodão turco roxo para o trabalho, hoje em dia.

Feeney baixou os olhos, abanou a cabeça.

— Se visses o que a minha mulher me ofereceu pelo Natal, ias perceber porque continuo a usar este. — Pôs-se de pé. — Vão andando, que eu encontro-me convosco na morgue. Vou precisar do meu carro, de qualquer modo.

— Está bem.

— Dallas.

Naquele momento, Roarke compreendeu que nem ele nem Peabody existiam. Não faziam, simplesmente, parte da realidade dos outros dois.

— Temos de descobrir o que nos escapou da outra vez — disse Feeney a Eve. — O que escapou a toda a gente. Há sempre alguma coisa. Uma peça, um passo, um pensamento. Não nos pode escapar, desta vez.

— Não nos vai escapar.

Não era a primeira vez que Roarke ia à morgue. Perguntou-se se era suposto os mosaicos brancos que revestiam aqueles túneis substituírem a luz natural. Ou se tinham sido escolhidos como uma mera aceitação do austero.

Havia ecos — a repetição dos seus passos, à medida que caminhavam. E silêncio, mais ainda no turno da noite, supunha Roarke, durante as horas mortas. Por assim dizer.

Ainda faltava algum tempo para o romper do dia, e Roarke via que a noite longa estava a deixar Peabody cansada, com olheiras sob os olhos escuros. Mas Eve não acusava o mesmo efeito, por enquanto. O cansaço havia de a dominar e de a sufocar — era o que acabava sempre por acontecer. Mas, por agora, ela ia buscar energia ao seu sentido de dever e de propósito, e a uma raiva latente que Roarke não sabia se ela reconheceria como um combustível vital.

Eve parou junto à porta dupla de uma sala de autópsias.

— Precisas de a ver? — perguntou a Roarke.

— Sim. Quero ser útil, de alguma maneira, e para isso preciso de compreender. Já vi morte antes.

— Não como o que vais ver agora. — Empurrou as portas.

Morris estava lá dentro. Trocara de roupa, e trazia agora umas calças de fato de treino cinzentas e uns *skids* pretos e prateados que devia guardar ali para fazer exercício. Estava sentado, e assim continuou durante algum tempo, numa cadeira de aço, a beber algo espesso e castanho de um copo alto.

— Ah, companhia. Aceitam um batido proteico?

— Definitivamente, não — disse Eve.

— O sabor é ligeiramente melhor do que o aspeto. E cumpre o seu objetivo. Roarke, prazer em ver-te, apesar das circunstâncias.

— Iguamente.

— A vítima trabalhava para o Roarke — explicou Eve.

— Sinto muito.

— Mal a conhecia. Mas...

— Sim, mas... — Morris pôs o batido de lado e levantou-se. — Infelizmente, agora vamos todos conhecê-la muito bem.

— Ela era gerente de uma das discotecas do Roarke. A Starlight, no Chelsea?

— É tua? — Morris esboçou um sorriso. — Levei lá uma amiga, há umas semanas. É uma agradável viagem a um tempo intrigante.

— O Feeney está a caminho.

Morris ergueu os olhos para Eve.

— Estou a ver. Também fomos nós os três a ocupar-nos da primeira, da outra vez. Lembras-te?

— Lembro-me, sim.

— Chamava-se Corrine, Corrine Dagby.

— Vinte e nove anos de idade — confirmou Eve. — Vendia sapatos numa loja da baixa. Gostava de se divertir. Resistiu vinte e seis horas, dez minutos, cinquenta e oito segundos.

Morris anuiu.

— Lembras-te do que disseste, na altura, quando estávamos aqui?

— Não exatamente.

— Eu lembro-me. Disseste: «Ele há de querer mais do que isso.» E tinhas razão. Descobrimos que ele queria mais do que isso. Esperamos pelo Feeney?

— Pomo-lo ao corrente quando ele chegar.

— Está bem. — Morris atravessou a sala.

Roarke olhou na direção da mesa, depois aproximou-se.

Já vira morte, morte sangrenta, cruel, violenta, inútil e terrível. Mas percebeu, mais uma vez, que Eve tinha razão.

Nunca vira nada assim.